
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (XIII)

Ulrich Huar

Capítulo V

O plano da Operação Berlinense

O planeamento da operação berlinense iniciou-se já no final de 1944, no Alto Comando. Júkov e Kóniev participaram nas consultas no final de Março de 1945, Rokossóvski foi informado mais tarde por Stáline, no Alto Comando. A 1 de Abril, Antónov apresentou o plano final. Para o cerco a Berlim, o Alto Comando previa três frentes: a 1ª e 2ª bielorrussas e a 1ª ucraniana.

A 2.ª frente bielorrussa, comandada por Rokossóvski, devia romper o rio Oder, derrotar as tropas alemãs em Stettin e, até ao 12.º ou 15º dia, da operação alcançar a linha Anklam – Demmin – Malchov – Waren – Pritzwal – Wittenberg. Em condições favoráveis, parte das forças da 2ª frente bielorrussa deveria rumar para Sul para penetrar no seio da defesa adversária no Oder.

A 1.ª frente bielorrussa, comandada por Júkov (representante de Stáline), deveria derrotar as tropas adversárias na direcção directa a Berlim e ocupar a cidade depois do 12º ou 15º dia da operação.

A 1ª frente ucraniana, comandada por Kóniev, deveria conquistar a região de Lausitzer Neisse, derrotar as tropas inimigas na zona de Cottbus e no Sudeste de Berlim e alcançar, até ao 10.º ou 12º dia da operação, a linha Beelitz – Wittenberg e avançar pelo Elba até Dresden.¹

Kóniev, na verdade, como o próprio escreveu, não acreditava que os Aliados entrassem em acordos com o comando fascista, mas também não descartava essa possibilidade. Esta circunstância dava à operação berlinense um certo carácter explosivo. «*Em todo o caso tínhamos de ter em conta que o comando fascista poderia abrir o caminho para Berlim aos americanos e aos ingleses, mas oferecer-nos-ia resistência até ao fim*».²

Isto aconteceu na realidade, como demonstraremos.

¹ Parotkin, *ibidem*, p. 407 e seg.

² Kóniev, *ibidem*, p. 78.

O Alto Comando não podia, portanto, perder tempo. A preparação para a operação teria de estar completa em 12 a 15 dias no máximo.

A 2ª frente bielorrussa tinha dificuldades acrescidas, resultantes das características do relevo do curso inferior do Oder, constituído pelos dois grandes braços, o Oder Leste e o Oder Oeste. As dificuldades não resultavam só da geografia da foz do Oder. Na verdade, a 2ª frente bielorrussa tinha terminado, no essencial, a Operação Pomerânia Oriental, com a conquista de Danzig, a 30 de Março, mas não estava ainda definitivamente finalizada. Na região de Krokova, o 65.º Exército combateu as tropas alemãs até 6 de Abril. O 19.º Exército teve ainda de derrotar restos das tropas alemãs em Putziger Nehrung.³

A destruição das poderosas tropas alemãs na Pomerânia Oriental foi difícil e provocou muitas baixas. Durou de 19 de Fevereiro até 30 de Março, quase sete semanas e esgotou as tropas da 2ª frente bielorrussa. À frente opunha-se um exército alemão com 230 mil homens, 700 tanques e canhões autopropulsados, 300 veículos blindados de transporte de pessoal, 20 comboios blindados e 3600 bocas-de-fogo e lança-granadas.⁴ Eram abastecidos por mar. Às vezes, unidades da marinha de guerra envolviam-se nos combates de artilharia a partir do mar. Perante a ala direita da 1ª frente bielorrussa ainda se encontravam, nesta altura, 200 mil homens com 700 tanques, 2500 bocas-de-fogo e lança-granadas e 300 aviões de combate.⁵

A parte da 1ª frente bielorrussa que participara na Operação Pomerânia Oriental foi retirada para se dirigir a Berlim. As regiões conquistadas por este exército foram ocupadas pelas tropas da 2ª frente bielorrussa. A 2ª frente bielorrussa tinha de ocupar uma extensão de território que ia desde a foz do Oder, Stettin até Schwedt. A maioria das tropas encontrava-se, porém, ainda na região de Gdnia – Danzig. Centenas de milhares de soldados, milhares de bocas-de-fogo, dez mil toneladas de munições e uma grande quantidade de outro material de guerra tinham de percorrer uma extensão de 300 a 350 quilómetros. As estradas e as linhas férreas estavam praticamente destruídas. Os comboios circulavam em algumas partes a uma velocidade reduzida. Só os tanques e outros veículos de lagartas eram transportados de comboio, tudo o resto tinha de ser transportado por estrada. No Vístula as tropas fizeram parte do percurso a pé e em parte em camiões. A média diária estipulada do avanço das tropas era de 30 a 50 quilómetros, dependendo do meio de transporte, e de 30 a 35 quilómetros a pé. A data de ataque da 2ª frente bielorrussa foi assim fixada para 20 de Abril, depois de Rokossóvski ter exposto todas as dificuldades no Alto Comando em conversas com Stáline.⁶

Perante as ambições dos aliados ocidentais no que respeita a Berlim, o Alto Comando não podia, contudo, esperar tanto.⁷ A 1ª frente bielorrussa e a 1ª frente ucraniana tinham de iniciar a ofensiva a 16 de Abril, quatro dias depois seria a vez da 2ª frente bielorrussa.

Júkov expôs as enormes dificuldades com que o exército soviético se defrontava. Ele tinha participado em grandes e importantes ofensivas durante toda a guerra, mas «*o combate pela tomada Berlim era uma operação especial, sem*

³ Idem, ibidem, p. 419.

⁴ Idem, ibidem, p. 392.

⁵ Idem.

⁶ Idem, ibidem, pp. 418-420.

⁷ Júkov, ibidem, p. 284.

precedentes. A frente tinha de romper uma poderosa linha defensiva solidamente fortificada, desde o Oder até à cidade. Para podermos conquistar a capital da Alemanha fascista, pela qual o adversário travaria um combate de vida ou de morte, tínhamos de derrotar um forte contingente nas entradas de Berlim.»⁸

Até então, as tropas soviéticas nunca tinham conquistado uma cidade tão grande e tão bem defendida como Berlim. Estendia-se por uma área de mais de 900 Km² e possuía uma ampla rede de instalações subterrâneas.⁹ Isto exigia uma ampla e rigorosa preparação em apenas cerca de 15 dias.

As três frentes que deviam realizar a ofensiva contra Berlim receberam do Quartel-General forças muito poderosas: 19 exércitos, quatro exércitos blindados, quatro exércitos da Força Aérea, cerca de 170 divisões de cavalaria e infantaria, assim como oito corpos autónomos de blindados e mecanizados. Este grupo estratégico dispunha de 2,5 milhões de soldados e oficiais, 41 mil lança-granadas e bocas-de-fogo, 6300 tanques e 7500 aviões de combate. O exército soviético tinha 2,5 vezes mais soldados e oficiais do que o adversário, quatro vezes mais artilharia, 4,1 vezes mais tanques e canhões autopropulsados e 2,3 vezes mais aviões.¹⁰ As tropas do 1.º e 2.º exércitos polacos também participaram na Operação Berlim.¹¹

Esta poderosa concentração de tropas, artilharia, tanques e aviões colocava enormes desafios ao reabastecimento. Tinham de ser fornecidas enormes quantidades de combustíveis e lubrificantes, assim como de munições.

No início, o reabastecimento do exército também foi dificultado por acontecimentos naturais. No final de Março, inícios de Abril começou o degelo. No Vístula «*montanhas de gelo*» deslizavam ao sabor da corrente e danificaram alicerces de pontes por onde passava o reabastecimento para a 1ª frente ucraniana. As pontes tiveram de ser salvas e reparadas num curto espaço de tempo, sob pena de os exércitos ofensivos ficarem privados de reabastecimentos durante dez ou 15 dias, o que significaria o adiamento da Operação Berlim.

A luta contra a natureza durou três dias. O gelo foi desfeito com bombardeamentos ou implosões de modo a que blocos mais pequenos pudessem deslizar sem destruir os alicerces das pontes.

Já o reabastecimento da 2ª frente bielorrussa teve de ser desviado por Varsóvia, uma vez que a única ponte por onde passava, perto de Torun, foi destruída pela pressão do gelo.

Um outro problema foi a largura das linhas de ferroviárias. Até Frankfurt/Oder tinham sido colocadas com a bitola russa, a partir de Frankfurt até Berlim mantinham a norma ocidental.¹² Teve de fazer-se o transbordo dos comboios.

No início da Operação Berlim foi preciso também montar pontes sobre o Oder num curto espaço de tempo. No total foram montadas 25 pontes com um comprimento total de 15 017 metros. Durante a preparação e concretização da Operação Berlim, passaram por estas pontes em ambas as direcções 1 671 188 veículos e 400 mil carroças puxadas a cavalo.¹³

⁸ Idem, ibidem, p. 284 e seg.

⁹ Idem, ibidem, p. 285.

¹⁰ Parotkin, ibidem, p. 408 e seg.

¹¹ Idem, ibidem, p. 410.

¹² N.A. Antipenko, *Na Direcção Principal*, Moscovo, 1971, 1973, pp. 275-278.

¹³ Idem, ibidem, p. 278.

Para que se possa compreender as enormes dificuldades da construção de uma ponte, veja-se o caso da construção da ponte sobre o Oder, para a cabeça-de-ponte de Küstrin.

O estaleiro encontrava-se sob forte ataque de artilharia e lança-granadas. Várias vezes foi alvo de ataques aéreos. A ponte ficou pronta em sete dias, mas as baixas foram pesadas: 201 mortos, dos quais 38 afogados e 186 feridos. A actividade de construção dos pioneiros soviéticos realizava-se frequentemente sob pesadas baixas.¹⁴

Naturalmente, o Alto Comando alemão também estava ciente da importância estratégica das pontes. A 18 de Abril, dois dias depois do início da ofensiva soviética, aviões da Luftwaffe destruíram ambas as pontes ferroviárias sobre o Oder e o Varta. Sob bombardeamentos constantes, as pontes estavam reconstruídas a 25 de Abril, dia em que se iniciou o ataque ao centro de Berlim. A 25 de Abril, pelas 18 horas, chegou o primeiro comboio com artilharia pesada a Berlim-Lichtenberg.¹⁵

Para se compreender as exigências colocadas ao reabastecimento, refiram-se alguns números.

Nesta altura, a 1ª frente bielorrussa tinha cerca de 14 mil tubos de lança granadas e artilharia. O peso da capacidade de fogo em munições era de 43 mil toneladas. Na direcção de Berlim, a cada quilómetro havia 272 tubos destes, em alguns casos 286.

Para os primeiros dias da Operação Berlim estava planeado o envio de cerca de 1,15 milhões de granadas assim como 500 mil bazucas e 2382 vagões com munições. Um quilómetro de frente correspondia a 350 toneladas de munições.¹⁶

Entre 1 de abril e 9 de Maio foram fornecidos à 2ª frente bielorrussa e à 1ª frente ucraniana cerca de dez mil vagões com munições, dos quais seis mil depois de 16 de Abril.¹⁷

O fornecimento desta quantidade enorme de munições às três frentes foi feito, em parte, à custa do reabastecimento das outras frentes, que não eram pouco importantes, caso da que conduzia a ofensiva na direcção de Praga. Assim, o marechal Moskalenko, comandante do 38.º exército da 4ª frente ucraniana, lamentou-se da escassez de munições para os seus canhões de 76 mm e 122 mm, durante a libertação da zona industrial de Moravska-Ostrava, fortemente defendida. Todavia, o Conselho de Militar recusou as exigências da 4ª frente ucraniana (comandante-em-chefe general Ieromenko): «*Não será entregue essa quantidade de granadas*».

A razão principal das restrições no fornecimento de munições foi, juntamente com as dificuldades de utilização da linha ferroviária, a preparação das três frentes para a Operação Berlim. «*Aí devia ser conduzido o último golpe aniquilador contra a Alemanha fascista. Por isso os serviços de reabastecimento concentravam-se, naturalmente, em primeiro lugar, em fornecer as tropas na direcção estratégica com tudo o que era necessário.*»¹⁸

As tropas também tinham de ser reabastecidas com géneros alimentares e não só elas. Alimentação tinha também de ser fornecida às populações libertadas nos

¹⁴ Idem, ibidem, p. 278 e seg.

¹⁵ Idem, ibidem, p. 279.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 282.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 283.

¹⁸ Moskalenko, ibidem, p. 567 e seg.

campos de concentração e nas respectivas regiões. Era preciso assegurar o transporte de gado, principalmente bovino com todas as dificuldades inerentes, a recolha de leite, assistência veterinária, partos, forragens, etc., sob as condições complicadas resultantes da destruição causada pelos fascistas.

Na preparação e concretização da Operação Berlim também se incluiu uma ordem do governo soviético destinando cinco mil vacas para alimentação das crianças berlinenses.¹⁹

A Administração dos Serviços de Retaguarda da 1ª frente bielorrussa teve um papel importante e decisivo na implementação da Operação Berlim. Para assegurar os abastecimentos das tropas e da população, assim como a manutenção das vias rodoviárias e ferroviárias, era necessário criar uma «*economia*» numa região quase do tamanho da RFA, com 250 mil a 300 mil km².²⁰

Os órgãos políticos do Exército Vermelho desenvolviam uma intensa actividade político-ideológica, apoiando-se principalmente nas organizações do Partido e do *Komsomol*. Na noite anterior ao ataque dois mil soldados e oficiais solicitaram a sua inscrição no PCUS. Os conselhos militares das frentes apelaram às tropas para se comportarem correctamente perante a população alemã. O soldado soviético, afirmava-se, nunca se colocará ao mesmo nível dos canibais fascistas, nunca manchará a honra dos soviéticos. «*Comportar-se-á de tal forma em território alemão que a notícia do Exército Vermelho como libertador rapidamente se espalhará pelo mundo*».²¹

Houve vários apelos e instruções neste sentido dos conselhos de militares das frentes, do Quartel-General e do próprio Stáline. Entre os soldados e oficiais, não havia praticamente ninguém cuja aldeia ou cidade não estivesse destruída, cuja mulher, pais, irmãos, filhos amigos não tivessem sido assassinados ou raptados pelos fascistas. Sentimentos de vingança, de retaliação sobre os fascistas, e sobre os alemães em geral estavam muito disseminados e eram compreensíveis. Tem de se sublinhar que os comandantes soviéticos, as organizações do Partido e do *Komsomol* nas forças armadas tudo fizeram para impedir motins dos membros do Exército Vermelho, apesar de não ter sido possível impedi-los em todos os casos. As violações da disciplina e das instruções sobre o comportamento perante a população eram castigadas pelos comandantes e, em casos graves, eram julgadas pela justiça militar soviética.

Os casos de ataques de soldados soviéticos à população civil alemã continuam a ser exagerados nas publicações anticomunistas, ao mesmo tempo que são minimizados ou omitidos os motins dos soldados aliados ocidentais, que também existiram e não em pequeno número. Crimes contra a população civil são inevitáveis nas guerras com exércitos de massas, o que de forma nenhuma justifica ou desculpa esses crimes. Também qualquer comparação entre ataques de membros isolados do exército soviético e os assassinios em massa, ordenados pelo comando fascista e executados por unidades *SS* e também por unidades da *Wehrmacht*, não só não é aceitável, como não tem é suportada por factos históricos.

¹⁹ Antipenko, *ibidem*, p. 285.

²⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 281.

²¹ Parotkin, *ibidem*, p. 409.

Por último, os responsáveis por estes motins são os instigadores da guerra, neste caso, os fascistas imperialistas alemães, que conduziram uma guerra de rapina, de conquista e mortífera contra a União Soviética. Apesar de os ex-gerais da *Wehrmacht* procurarem nas suas memórias responsabilizar Hitler por tudo, eles também foram responsáveis pelos crimes cometidos pelas SS e unidades da *Wehrmacht* nas áreas sob o seu comando.

Hitler, Goebbels e Goering apelaram nos seus discursos, proclamações e ordens ao aniquilamento dos povos eslavos, dos «*sub-humanos*», ordens também executadas pelas tropas alemãs sob o comando dos seus generais.

Stáline declarou várias vezes que o objectivo do Exército Vermelho não era a aniquilação do povo alemão e do Estado alemão. Disse-o logo assim na ordem de 23 de Fevereiro de 1942. Repudiou tais boatos da «*imprensa estrangeira*» e qualificou-os de «*palermices e calúnias absurdas contra o Exército Vermelho*». «*O Exército Vermelho não tem objectivos tão idiotas...*» Tratava-se da libertação do solo soviético dos invasores alemães fascistas, de uma guerra que conduziria «*à expulsão ou aniquilação da clique de Hitler*». A clique de Hitler não se devia confundir com o povo alemão, com o Estado alemão: «*os Hitler vão e vêm, o povo alemão e o Estado alemão ficam.*»²²

A hora da destruição de clique de Hitler aproximou-se com a Operação Berlim. Foi simultaneamente a hora da libertação do povo alemão da bárbara ditadura fascista, a hora da abertura do caminho para um futuro em paz.

Estas eram as intenções do exército soviético no seu ataque a Berlim, que determinaram a estratégia militar e política dos generais soviéticos, o comportamento da esmagadora maioria dos soldados e oficiais soviéticos.

A libertação de Berlim

A preparação das três frentes para a ocupação de Berlim não passou despercebida ao serviço de informações fascista. O Alto Comando da *Wehrmacht* tinha transformado Berlim numa fortaleza. Na opinião de Tippelskirch, Hitler ainda não se tinha dado por vencido politicamente: «*Ele pensava só ter de aguentar até que se concretizasse a segura divisão do inimigo. Ao constatar que os ingleses não procuraram sequer perturbar a retirada das tropas alemãs da Grécia e reprimiram violentamente a revolução comunista com origem no movimento da resistência, Hitler viu aqui os primeiros sinais das contradições políticas no campo inimigo, das quais estava convencido poder retirar benefícios. A morte de Roosevelt, a 12 de Abril, foi saudada em Berlim como uma fatalidade do destino. Hitler ainda foi mais longe. Preso no pensamento alucinado de que a Alemanha, sob a sua direcção, ainda tinha liberdade de movimentos, pretendia fazer um acordo, depois da divisão dos Aliados, com aqueles que lhe fizessem a melhor proposta.*»²³

De acordo com a nota do seu diário de 5 de Março, Goebbels era da opinião de que «*Stáline ainda seria quem estaria nas melhores condições para implementar uma mudança de direcção no curso da política de guerra*»; e a 8 de Março escreveu: «*Hitler acredita encontrar uma possibilidade de entendimento com a União*

²² SW 14/266.

²³ Tippelskirch, *ibidem*, p. 566.

Soviética (...) e depois continuar a guerra contra a Inglaterra com brutal energia.»
A 12 de Março, Goebbels anota: «*Eliminar a guerra a Leste e ser operativo a Oeste – uma ideia maravilhosa.*»²⁴

Centenas de milhares de soldados alemães tiveram de morrer por esta insanidade, que talvez não fosse partilhada por todos os generais do Alto Comando, mas em que todos participaram. No final da guerra, 300 mil soldados soviéticos pagaram com a vida esta loucura. A «*maravilhosa ideia*» de Goebbels começou a 16 de Abril, pelas 05.00 horas.

Júkov escreveu: «*Neste momento toda a região se ilumina com os muitos milhares de bocas-de-fogo e lança-granadas e dos foguetes das nossas Katiuchas. Depois ouviu-se os estrondos dos tiros e explosões da nossa artilharia, granadas e bombardeamentos aéreos. No ar aumentava o barulho de motores de muitas centenas de bombardeiros (...) Ao longo de toda a frente lançaram-se milhares de foguetes luminosos. Eram o sinal para 140 projectores colocados com intervalos de 200 metros. Com a intensidade luminosa de mais de cem mil milhões de velas, iluminou-se o campo de batalha, encandeou-se o inimigo e retirou-se da escuridão os alvos do ataque. Foi uma imagem impressionante que eu não tornei a ver durante toda a minha vida.*

«*A nossa artilharia reforçou o seu poder de fogo; a infantaria e os tanques atacaram em conjunto e o seu ataque foi acompanhado por uma poderosa e dupla tática entre as unidades de artilharia e as unidades de infantaria. Com o amanhecer as nossas tropas tinham derrubado a primeira posição do adversário e atacavam a segunda.*»²⁵

«*A 1ª frente ucraniana iniciou a ofensiva de manhã cedo, a 16 de Abril, com fogo de preparação da artilharia, que durou duas horas e 35 minutos. No final da primeira parte da preparação da artilharia, que durou 1.40 horas, aviões de combate lançaram a baixa altitude uma cortina de fumo sobre o rio Neisse. Sob nevoeiro cerrado, cerca das 6.50 horas, os batalhões de reconhecimento da 1ª frente ucraniana iniciaram a travessia do Neisse. Transportados em botes, os batalhões de reconhecimento montaram pontes. Assim que uma destas pontes era fixada na outra margem, a infantaria atravessava-a em passo de corrida. A construção de uma ponte leve demorava 50 minutos, enquanto uma com 30 toneladas demorava duas horas. Pontes com capacidade para 60 toneladas ficavam prontas em quatro horas e aguentavam tanques de todos os tipos. Quando as unidades de reconhecimento atravessaram o rio, uma parte da artilharia já tinha sido puxada para a outra margem com cabos.*

«*Cerca de 10.15 horas, depois de os primeiros soldados terem alcançado a margem ocidental, os primeiros canhões de 85mm já tinham sido puxados para lá. Combatiam os tanques alemães e apoiavam assim os nossos soldados nas suas primeiras pequenas cabeças-de-ponte. Para além das pontes, utilizámos também balsas, que transportaram determinados tanques necessários para apoiar a infantaria.*»²⁶

De acordo com o planeado, a 20 de Abril, pelas 6 horas, os 65.º, 70.º e 49.º exércitos da 2ª frente bielorrussa iniciaram a ofensiva na região da foz do Oder. Sob uma cortina de fumo idêntica à do Neisse, os 65.º e 70.º exércitos alcançaram a margem

²⁴ Goebbels, *Diários*, pp. 116, 157, 210.

²⁵ Júkov, *ibidem*, p. 296 e seg.

²⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 85.

ocidental do Oder ao cair da noite e organizaram as primeiras cabeças-de-ponte na margem oeste. O 49.º exército só alcançou essa margem a 21 de Abril.

As dificuldades encontradas pela 2ª frente bielorrussa prendiam-se com o facto de não ter sido possível utilizar no início, e depois apenas parcialmente, meios de combate pesados, tanques e artilharia pesada, dado que a região era pantanosa, recortada por inúmeros canais. A imprescindível construção de pontes e a preparação das balsas sob permanente fogo inimigo abrandou a velocidade do ataque. Só na zona da frente do 70.º exército, até à noite de 20 de Abril, estavam em funcionamento na margem oeste do Oder, nove balsas de desembarque, seis de transporte e uma ponte de 50 toneladas. Uma enorme proeza dos pioneiros soviéticos. No entanto os meios de transporte não eram suficientes para transportar as armas pesadas de toda a frente entre as duas margens do Oder.

A 25 de Abril, a defesa adversária tinha sido rompida numa largura de 20 quilómetros; as tropas da 2ª frente bielorrussa puderam atingir a linha Randov.²⁷

No mesmo dia, a 1ª frente bielorrussa e a 1ª frente ucraniana iniciaram os combates em Berlim. A ala direita da 1ª frente bielorrussa tinha cercado Berlim a Norte. Graças à 2ª frente bielorrussa, o inimigo não pôde recorrer às suas reservas estacionadas a Norte para defender Berlim.²⁸ Mas a 1ª frente bielorrussa também teve dificuldades. As colinas de Seelow representaram «*verdadeiros obstáculos*», escreveu Júkov. «*Não só limitavam os movimentos dos nossos tanques, como também constituíram um sério obstáculo para a nossa artilharia*».²⁹

As posições alemãs nas colinas de Seelow não puderam ser rompidas no primeiro dia.

Houve contactos telefónicos directos entre Stáline e Júkov. Stáline estava inquieto.³⁰ A situação em Seelow era preocupante. A velocidade relativamente baixa de ataque da 1ª frente bielorrussa podia pôr em perigo o calendário previsto para o cerco da Berlim.

«*Na noite de 17 de Abril, Stáline falou telefonicamente sobre o assunto com o comandante-em-chefe da 1ª frente ucraniana, I.S. Kóniev. O comandante supremo ordenou que os 3.º e 4.º exércitos blindados mudassem de rumo na direcção de Noroeste e atacassem Berlim pelo Sul. Esta ordem foi imediatamente posta em prática.*

O quartel-general ordenou que a 2ª frente bielorrussa iniciasse o ataque a 20 de Abril, e, o mais tardar a 22 de abril, atacasse com as forças principais Schönebeck para assim cercar Berlim pelo Norte. O cerco a Sudoeste e a Norte pela 1ª frente ucraniana e pela 2ª frente bielorrussa garantia o cerco e a derrota do adversário na região de Berlim, mesmo no caso de a 1ª frente bielorrussa não conseguir acelerar a sua velocidade de ataque.»³¹

Na manhã de 18 de Abril, Seelow foi conquistada pelas tropas da 1ª frente bielorrussa, depois de elevadas baixas em combate. Como Júkov escreveu, tinham

²⁷ Randov é um pequeno rio que corre paralelamente ao Oder, do lado ocidental. A região à volta do Randov também era pantanosa.

²⁸ Rokossóvski, *ibidem*, pp. 430-442.

²⁹ Júkov, *ibidem*, p. 298.

³⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 299 e seg.

³¹ Parotkin, *ibidem*, p. 413 e seg.

«subestimado um pouco» a complexidade da região das colinas de Seelow. «Durante o planeamento da ofensiva de artilharia devíamos ter previsto as dificuldades na liquidação das posições de defesa do adversário.»³²

Desvios ao plano, como a ordem para ambos os exércitos blindados da 1ª frente ucraniana seguirem para Sudoeste de Berlim e Potsdam – o que não estava previsto – demonstram a competência e flexibilidade de Stáline, no comando da operação de Berlim enquanto comandante supremo. Isto também é válido para a ordem dada a Rokossóvski para atravessar o Oder «mais depressa» e cercar Berlim pelo Norte com uma parte das tropas. Esta instrução foi correcta do ponto de vista estratégico, apesar de Stáline ter subestimado as complexas condições do terreno, na região pantanosa do Oder. Rokossóvski iniciou a sua ofensiva a 20 de abril, mas a conquista da margem ocidental do Oder não foi tão rápida como estava planeado.

Kóniev pronunciou-se sobre este problema: «Que significa planejar na guerra? Fazemos os nossos planos sem o adversário, mas executamo-los, por assim dizer, em conjunto, ou seja, sob a sua contra-acção. Quanto mais tempo um combate se prolonga, mais correções ao plano são necessárias. Isto não se deve só a dificuldades e obstáculos imprevistos, mas também ao comportamento do adversário. Não se sabe antecipadamente quando, onde e com que amplitude ele utilizará as suas reservas operativas, porém, só depois de as derrotarmos poderemos continuar em frente.»³³

Os estados-maiores das frentes e os seus comandantes trabalhavam autonomamente as suas propostas de planos para as áreas definidas pelo Quartel-General. O plano tinha depois de ser confirmado pelo QG. A coordenação das operações, as linhas divisórias entre as frentes, a atribuição de reservas, de armamento e de documentação eram da competência do QG, a última decisão pertencia a Stáline, enquanto Comandante Supremo. Alterações fundamentais estratégicas, como a alteração de rumo dos dois exércitos blindados da 1ª frente ucraniana, não podiam ser tomadas pelos comandantes das frentes. Se o considerassem necessário, tinham de o solicitar ao comandante supremo. Isso fazia-se rapidamente através da ligação telefónica directa. O comandante supremo estava ligado em permanência com os comandantes das frentes. Assim, antes da Operação Berlim, a pedido de Kóniev, Stáline tinha retirado dois exércitos da frente no Báltico e atribuiu-os à 1ª frente ucraniana: «Como as frentes no Báltico e na Prússia Oriental começam a diminuir, posso atribuir-lhe [a Kóniev] dois exércitos, o 28º e o 31º, da frente báltica.»³⁴

Kóniev escreveu sobre o método de desenvolvimento dos planos e directivas no QG: «Normalmente, o comandante-em-chefe da frente não só apresenta o seu plano e as suas reflexões, como também trabalha previamente com o seu estado-maior a proposta das directivas do QG.

Devido à concepção estratégica geral do Alto Comando, o comando das frentes planifica as operações em todos os aspectos relativos à sua implementação e só colocava entre parênteses as questões que ultrapassavam as suas competências e diziam respeito ao Alto Comando.

Simultaneamente também era trabalhada a proposta de directiva, cuja versão original reproduzia a opinião da frente para a concretização da operação seguinte,

³² Júkov, ibidem, pp 300 e 301.

³³ Kóniev, ibidem, p. 89.

³⁴ Idem, ibidem, p. 74.

sendo condição prévia o necessário apoio do Alto Comando. Em que medida estas directivas sofriam alterações ou contribuições, dependia de como as propostas das frentes tinham sido avaliadas pelo Alto Comando e até que ponto concorriam com a decisão definitiva. Este método desenvolvido com o desenrolar da guerra parece-me ainda hoje funcional e promissor (...)

No QG só eram analisadas questões fundamentais como direcção do ataque, a composição das tropas e a colocação da artilharia. Questões técnicas relacionadas com as operações eram decididas pelos métodos habituais. Para além disso a frente estava equipada com o que era necessário.»³⁵

A 23 de Abril, Júkov e Kóniev receberam ordem do Alto Comando para «o mais tardar até 24 de Abril cercar completamente o grupo Frankfurt-Gubener, o 9.º exército sob o comando do general Busse, e impedir o seu avanço para Berlim ou em direcção Oeste».³⁶

Kóniev mandara fechar as estradas entre os lagos a Norte de Teupitz e organizar aí uma defesa estável de tanques e infantaria. Com 200 mil homens, mais de duas mil bocas-de-fogo e lança-granadas, assim como 300 tanques e canhões autopropulsados, o 9.º exército era um adversário poderoso. A correlação de forças na infantaria e nos tanques era idêntica, só na artilharia e lança-granadas as tropas da 1ª frente ucraniana e 1ª frente bielorrussa eram três vezes superiores.³⁷

Deve ter-se em conta o comprimento e profundidade da frente da 1ª frente ucraniana. Ia do Sudoeste de Berlim até Dresden, de Frankfurt-Görlitz até ao Elba. Dois dos seus exércitos blindados combatiam em Berlim e perto de Potsdam e Brandeburgo. Hitler queria juntar no Sul de Berlim o 9.º exército (Busse) com o 12.º exército (Wenck), que avançava de Oeste, para ocupar a cidade. Na comunicação de Hitler a Jodl, de 26 de abril, 0.25 horas, ordena-se: «É urgente a concretização rápida, em todas as direcções, de todos os ataques ordenados para libertar as tropas cercadas. O 12.º exército (Wenck) tem de assumir a linha Beelitz-Ferch e continuar prontamente o ataque na direcção Leste até se juntar ao 9.º exército (Busse). O 9.º exército ataca pelo caminho mais curto na direcção Oeste e estabelece a ligação com o 12.º exército. Depois da união, ambos exércitos devem dirigir-se para Norte e liquidar as unidades inimigas na parte Sul de Berlim e estabelecer uma ampla ligação com Berlim.»³⁸

Na madrugada de 26 de Abril, um forte contingente do 9.º exército, três divisões de infantaria, uma divisão de blindados e uma divisão motorizada, tentou romper o cerco da 1ª frente ucraniana para se juntar ao 12.º exército. Numa estreita faixa da frente pôde colocar em vantagem forças de infantaria, artilharia e tanques. Cerca das oito horas, este contingente conseguiu romper a linha soviética e avançou para Oeste. Esta brecha foi rapidamente fechada pela 1ª frente ucraniana, isolando o contingente do 9.º exército. Uma grande parte deste contingente foi aniquilado e uma outra parte conseguiu avançar até ao 12.º exército (Wenck).

A 28 de Abril, o general Busse informa o comando do Exército: «Tentativa de ruptura abortada. Frente blindada de ataque avançou para Oeste, expressamente contra ordem dada, ou aniquilada. O resto do grupo de ataque foi parado sofrendo pesadas baixas. A condição física e psicológica dos oficiais e soldados

³⁵ Idem, ibidem.

³⁶ Idem, ibidem, p. 122.

³⁷ Parotkin, ibidem, p. 419.

³⁸ Domarus, ibidem, p. 2230.

assim como a situação do combustível e munições nem permitem um novo ataque de ruptura, nem permitem aguentar muito tempo.» No entanto, o 9.º exército recebeu a ordem de, «*por causa da situação em Berlim, avançar imediatamente para Oeste ao encontro do 12º exército.*»³⁹

A 25 de Abril, já as tropas da 1ª frente ucraniana se tinham juntado à 2ª frente bielorrussa na zona de Potsdam. Fechou-se o cerco a Berlim.

As esperanças de Hitler de libertação do cerco pelo grupo de exércitos Weichsel sob o comando do coronel-general Heinrici, estacionado a Norte de Berlim, também não se concretizaram. As ordens de Keitel a Heinrici para atacar Berlim pelo Norte revelaram-se também impraticáveis. O grupo de exércitos Weichsel tinham de se retirar da linha Randov na direcção Oeste, para evitar uma ruptura pelas tropas da 2ª frente bielorrussa. Quando, a 27 de Abril, tropas da 2ª frente bielorrussa romperam na direcção de Prenzlau, Heinrici retirou para Norte duas divisões, disponibilizadas pelo Alto Comando da Wehrmacht para o ataque a Berlim, para impedir uma desintegração do 3.º exército blindado sob o seu comando.⁴⁰

Não era, portanto, de esperar nenhuma libertação do cerco a Berlim pelo Norte. A ordem da chancelaria do Reich de 28 de Abril, 12.30 horas, também já nada podia alterar: «*Tarefa para todas as unidades em combate entre o Elba e o Oder: concluir com êxito um amplo ataque para libertação da capital do Reich. Perante esta tarefa decisiva desiste-se do combate ao adversário em Mecklenburgo.*»⁴¹

Antes do assalto a Berlim, o Conselho de Guerra da 1ª frente bielorrussa propôs, a 23 de Abril, ao Alto Comando alemão e ao Comando da ocupação de Berlim, cessar a resistência absurda.⁴² O comando fascista recusou e assumiu assim a responsabilidade pela morte sem sentido de dezenas de milhares de pessoas e pela continuação da destruição da cidade, já de si arruinada pelos ataques aéreos das forças aliadas ocidentais. Para a clique de Hitler, na chancelaria do Reich, tratava-se apenas de ganhar literalmente alguns dias, e para isso estava disposta a deixar aniquilar a população de Berlim. A 24 de Abril, o general Weidling, comandante da defesa de Berlim, recebeu ordem de Hitler para defender a cidade obstinadamente e mantê-la a qualquer preço.⁴³

Depois do bombardeamento de várias horas pela aviação soviética, o assalto a Berlim iniciou-se cedo, a 26 de Abril, e terminou sete dias depois, a 2 de Maio, com a capitulação incondicional do comando alemão.

Hitler suicidou-se a 30 de Abril, pelas 15.30 horas. No seu testamento político nomeou como seu sucessor o grande almirante Dönitz e Goebbels como chanceler do Reich. Himmler e Bormann deviam também fazer parte do novo governo do Reich como ministros.

A 1 de Maio, pelas 03.50 horas, o novo «*chanceler do Reich*» enviou o chefe do Alto Comando do Exército, General Krebs, ao comandante-em-chefe do 8.º Exército Vermelho, General Tchuikov, com a notícia da morte de Hitler, a constituição de um novo governo e a proposta de um armistício. Tchuikov informou imediatamente Júkov. Júkov enviou o seu representante, general do exército Sokolovski, ao Comando

³⁹ *Diários de Guerra do Alto Comando da Wehrmacht, 1944-45*, Vol. IV, tomo 2, org. Percy E. Schramm, Bona, p. 1462. De seguida KTB/OKW

⁴⁰ Tippelskirch, *ibidem*, p. 571 e segs.

⁴¹ Domarus, *ibidem*, p. 2232.

⁴² Parotkin, *ibidem*, p. 421 e seg.

⁴³ *Idem*, *ibidem*, p. 422.

e Controlo de Tchuikov, e exigiu a Krebs a capitulação incondicional da Alemanha. Após ser informado, Stáline respondeu: «*Com que então o patife jogou a última cartada. Pena que não o tenhamos apanhado vivo. Onde está o cadáver de Hitler?*» Júkov: «*De acordo com Krebs, o cadáver de Hitler foi queimado.*» Stáline: «*Transmita a Sokolovski (...) que nem com Krebs, nem com qualquer outro fascista não há nada a negociar a não ser a capitulação incondicional. Caso não aconteça nada extraordinário, não me telefone até amanhã, quero descansar um pouco. Hoje temos o desfile do 1.º de Maio.*»⁴⁴

Cerca das cinco horas, Sokolovski informou Júkov sobre a conversa com Krebs.⁴⁵ Sokolovski: «*Fazem jogo duplo (...) Krebs declarou que não estava autorizado a decidir sobre a capitulação incondicional. Disse que sobre isso só o novo governo dirigido por Dönitz podia tomar essa decisão. Krebs quer negociar um cessar-fogo, supostamente para permitir a reunião dos membros do governo Dönitz. Creio que os devemos mandar para o diabo se não aceitarem a capitulação incondicional.*» Júkov: «*Exactamente (...) diz-lhe o seguinte: se Goebbels e Bormann não aceitarem até às dez horas a capitulação incondicional, infligimos-lhes um golpe tão duro, que lhes passará para sempre a vontade de resistir. Os fascistas deviam pensar no sacrifício inútil do povo alemão e pensar na responsabilidade pessoal da sua loucura.*»⁴⁶

Parece-me assinalável que um marechal soviético tenha tido que exigir aos fascistas que pensassem no «*sacrifício inútil do povo alemão*». Os interesses nacionais do povo alemão exigiam a capitulação incondicional como única saída para a catástrofe nacional, a que as «*élites*» fascistas, por incumbência dos representantes reaccionários do capital financeiro alemão, tinham conduzido. O marechal soviético mostrou ser, nessa hora, o procurador da nação alemã.

Não houve resposta de Goebbels e Bormann dentro do prazo estipulado. Em consequência, a artilharia soviética abriu fogo sobre a última posição de defesa no centro de Berlim. Só cerca das 18 horas, Goebbels e Borman enviaram um emissário, que apresentou a recusa da capitulação incondicional. Às 18.30 horas iniciou-se o último assalto ao centro e à chancelaria, onde os fascistas se tinham enrincheirado. Goebbels assassinou os seus filhos e suicidou-se com a sua mulher.

A 2 de Maio, o comandante-em-chefe da defesa de Berlim, general Weidling, capitulou perante as tropas da 1ª frente bielorrussa.

⁴⁴ Júkov, *ibidem*, p. 315.

⁴⁵ Krebs falava fluentemente russo e não precisava de tradutor.

⁴⁶ Júkov, *ibidem*, p. 315.